

**EXPRESSO (/EXPRESSO/)**

# Quando romantizar a vida dura de atletas vira um problema

**Isadora Rupp** 29 de jul de 2021 (atualizado 30/07/2021 às 02h39)

Apesar de inspiradoras, histórias com foco apenas na superação podem esconder a falta de investimento no esporte de base e propagar a ideia de que basta esforço pessoal para subir ao pódio

**TEMAS**

**ESPORTE**  
**(/TEMA/ESPORTE)**

FOTO: CARLA CARNIEL /REUTERS



**TATUAGEM DO SURFISTA BRASILEIRO ÍTALO FERREIRA, MEDALHA DE OURO NOS JOGOS DE TÓQUIO**

Medalha de prata na ginástica artística, Rebeca Andrade caminhava duas horas (<https://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,antes-da-prata-rebeca-andrade-andava-duas-horas-a-pe-para-treinar-e-saiu-de-casa-aos-9-anos,70003793619>) com os irmãos para poder treinar em Guarulhos, região metropolitana de São Paulo, quando sua mãe não tinha dinheiro para a condução dos filhos. Medalha de ouro no surf, Ítalo Ferreira usava tampas da caixa de isopor (<https://esportes.r7.com/olimpiadas/italo-ferreira-aprendeu-a-surfar-com-isopor-do-pai->

pescador-no-rn-27072021) do pai, pescador, para pegar ondas em Baía Formosa, no Rio Grande do Norte.

As histórias de superação dos atletas brasileiros em Olimpíadas são recorrentes. E têm aparecido nos Jogos de Tóquio. Apesar de inspiradoras, elas trazem um problema: podem esconder a falta de investimento no esporte de base e também propagar a ideia de que basta esforço pessoal para subir ao pódio.

Neste texto, o **Nexo** debate o tema com Christian Dunker, psicanalista, professor do departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP e autor de livros como “Mal-estar, sofrimento e sintoma”, e com Marco Antonio Bortoleto, ex-atleta, professor da Faculdade de Educação Física da Unicamp e presidente da Comissão de Educação da Confederação Brasileira de Ginástica.

## **A individualização da heroína e do herói**

Na análise de Dunker, casos como os de Rebeca e Ítalo podem levar a uma percepção bivalente de que, por terem enfrentado dificuldades maiores, a vitória se torna ainda mais “maiúscula”.

“Eles tiveram que enfrentar os adversários externos, a realidade da competição. E os internos, da sua condição de origem, eventualmente a sua condição de gênero, de raça ou de classe. E aí você pode enaltecer que: basta o seu esforço. Qualquer um poderia também, certo? Não. A gente tem que ver que, para as grandes qualidades dela e dele, a gente tem uma quantidade grande de pessoas que tentam e não chegam lá. E não é por falta de esforço”, disse o psicanalista.

É uma abordagem que Dunker denomina como o patrocínio de uma “narrativa de sofrimento”, que cria heroínas e heróis, mas não o caminho para que outros alcancem os feitos com melhores

condições. Além disso, traz à tona uma individualização do processo, aumentando o comparativo entre quem consegue e quem não consegue.

“Em um primeiro nível, essa narrativa é correta, é uma forma da gente amar e reconhecer essas pessoas, ainda mais pela dificuldade que atravessaram. Tudo bem. Mas deveria ter também um segundo tempo, um contracampo”, sugeriu o psicanalista. O caminho, disse ele, seria recuar o olhar sobre o esporte, que serve de metáfora moral para a vida contemporânea, com métricas e comparações em que só contam as excecionalidades.

## **A cultura do esquecimento no esporte**

Exaltar as barreiras como uma forma de “explicar” o sucesso – seja no esporte ou em outras carreiras de destaque – é algo que faz parte da cultura social do Brasil, segundo Bortoleto, que pesquisa os aspectos sociais e antropológicos do esporte.

“Quando uma pessoa enriquece, logo se diz que ela saiu de uma família humilde. Por estarmos numa sociedade extremamente desigual, há buscas por mecanismos de ascensão social, e o esporte é um deles. E aí quem se torna um ídolo acaba disparador dessa vontade. E não é verdade. Medalha olímpica e ídolos não são para sempre”, disse.

Essa romantização é dura com os atletas que chegam ao topo e com os que traçam um caminho sem atingir o ápice, segundo Bortoleto. “O nosso romance com a sociedade pode ser curto. Tem ídolos que venderam medalha para sobreviver. Tem gente descartada a cada ciclo olímpico. Temos que celebrar, mas ter cuidado com as centenas de Rebecas que tentaram, mas não chegaram lá”, afirmou o ex-ginasta.

Ele contou ao **Nexo** que fez questão de ligar parabenizando a primeira treinadora de Rebeca Andrade em Guarulhos, a técnica Mônica dos Anjos. “Ela foi a primeira pessoa que a iniciou, sem ninguém saber. Essas pessoas também merecem os parabéns.”

## O êxito que esconde a precariedade

Os bons resultados na Olimpíada de Tóquio são inegáveis, salientou Bortoleto. Mas para o ex-atleta, que atua na ginástica brasileira há 30 anos, o Brasil poderia conquistar feitos ainda melhores se houvesse mais investimento na base do esporte.

Bortoleto ressaltou que os recursos para a ginástica desde o início dos anos 2000 vêm sendo regulares e crescentes, mas há pouca atenção, de acordo com ele, para quem está começando nos campeonatos estaduais e municipais.

“Ainda não temos um sistema nacional que permita formular equipes de altíssima qualidade. O que temos são ginastas de ponta. Falta desenvolver essas categorias de base e reconhecer treinadoras e treinadores do nível inicial”, disse.

Para o ex-atleta, é necessário também fortalecer a cultura do esporte no Brasil, que está ainda muito centrada no futebol. “Comparado a países com a mesma proporção, nossa cultura ainda é muito frágil. Ela se amplia nos Jogos, mas depois disso esmaece. Ainda mais nessas modalidades como ginástica”, afirmou.

### VEJA TAMBÉM

**EXPRESSO (/EXPRESSO/)**

**Quando a desistência passa a ser uma opção para atletas de ponta**

**(/expresso/2021/07/28/Quando-a-desistência-passa-a-ser-**

**uma-opção-para-atletas-de-ponta)**



[\(https://thetrustproject.org/\)](https://thetrustproject.org/)

SAIBA  
MAIS